



JOÃO ANACORETA CORREIA

Na saída da crise, o tamanho (da população) vai contar

NO ÚLTIMO fim de semana foi noticiado que a receita fiscal nos dois primeiros meses de 2009 foi inferior em 9,75% a igual período do ano anterior. Por outro lado, a despesa pública continua a crescer, especialmente com despesas sociais decorrentes do aumento do desemprego. Parece claro que, a este ritmo, ou o Estado emite dívida pública (se conseguir), ou a tesouraria do Estado rebenta.

Também não adianta muito, agora, vir com a ideia de baixar impostos. Parece que já é muito tarde. Resta cortar e muito na despesa, e, principalmente, nas despesas. Nas despesas correntes e em muitas despesas de investimento. Para evitar as convulsões sociais (esse risco sempre presente, e já actual em França, na Grécia e no Reino Unido) haverá que investir muito nos encargos sociais.

Vai ser também preciso pensar no que é necessário fazer para sair desta crise profunda, com muito do tecido económico (indústria, comércio, serviços...) em total desagregação. Espera-se, com ansiedade, que a União Europeia nos aponte a luz ao

fundo deste longo túnel. Mas até agora, e apesar do imenso orgulho nacional no Presidente da Comissão, não assistimos ainda ao desejado "golpe de asa". Vemos, por enquanto, o túnel ao fundo da luz. Gostava de ver o Presidente Barroso a liderar a retoma, a comandar este navio gigante que actualmente parece sem rumo. E quando se anda sem rumo nunca se sabe quando o vento é favorável.

Quem passeia por qualquer cidade europeia não deixa de verificar que a Europa é hoje um continente envelhecido. Em contraste com, por exemplo, África. Há dias, a propósito da visita do Papa Bento XVI a Angola, li que 50% da população de Luanda tem menos de 18 anos. Bem gostaria a Europa de poder ter esta capacidade de trabalho, este conhecimento potencial, esta capacidade contributiva para o seu sistema de Segurança Social...

A Europa confronta-se, de facto, com um problema demográfico sem precedentes. Prevê-se que em 2030 a Europa tenha menos 18 milhões de jovens que em 2005 e, em 2050, menos 60 milhões de habitan-

tes. Estima-se que entre 2005 e 2030 o número de pessoas com mais de 65 anos cresça mais de 52% (o que é positivo), enquanto que o grupo dos 15 aos 64 anos diminua cerca de 7%. É claro que a principal causa é a quebra da natalidade, e uma das principais consequências a falência do modelo social europeu.

É escusado andar agora a discutir "as causas das consequências" (como dizia o Prof. Adriano Moreira) daquilo que nos aconteceu. Qualquer que venha a ser o segredo para sair da crise, em Portugal ou na Europa, é impossível ignorar o problema demográfico. É um problema económico, de natureza técnica, que necessita de uma abordagem política. Espero que o tema das políticas de família conste das próximas eleições, legislativas e para o Parlamento Europeu. E lamento que até agora as políticas de família não tenham sido a prioridade das nossas (forças?) políticas. Parece que tem de ser dado a este assunto o carácter de urgência (mais do que aos erros dos árbitros em jogos de futebol que não contam para o campeonato...)